

45

Lisboa
Oficinas de S. José
22 de Outubro de 1969

Estanislau Pilypaitis



Caríssimos Irmãos,

O Senhor quis chamar à sua presença este nosso querido Irmão no passado Domingo, 19 do corrente. E fê-lo fulminantemente, à hora de jantar, quando toda a Comunidade se encontrava presente. Caiu nos braços dos Irmãos que ficaram profundamente impressionados. Assim, a alegria do convívio transformou-se em mudo silêncio e em preces contínuas pelo eterno descanso do mestre Pilypaitis.

Sofria este nosso bom Irmão de doença crónica género «delirium tremens», mal que nem os médicos, nem o internamento em Casas de Saúde conseguiram debelar. Agora, acometido instantaneamente de congestão cerebral, foram vãos os cuidados dos Irmãos e a assistência imediata do médico. Apenas este pôde diagnosticar a causa da morte.

A primeira preocupação foi dar-lhe a Santa União.

À missa de sufrágio e a todas as preces de Irmãos e alunos em volta do féretro, há a referir a Solene Concelebração da Santa Missa de corpo presente, presidida pelo senhor P. Provincial que em breves palavras frisou ao Evangelho a lição da morte. Associaram-se ao piedoso acto também as comunidades da Sede Provincial, do Seminário de Manique, do Estoril com os seus Directores, bem como o Director da Casa do Funchal. As Filhas de Maria Auxiliadora de Lisboa e do Estoril estiveram igualmente presentes, o que tanto nos sensibilizou.

Amigos, alunos e operários das várias oficinas e alguns Coopерadores participaram também no funeral que se realizou para o Cemitério dos Prazeres, onde muitos outros Irmãos aguardam a hora da ressurreição final.

Nascido na Lituânia a 24 de Setembro de 1915 no lugar de Mastaiciai, freguesia e concelho de Gelgaudiskis, distrito de Sakiai, diocese de Vilkauskis, filho de João Pilypaitis e de Maria Polekaité, entrou o nosso saudoso Irmão no primeiro colégio salesiano, aberto em 1935, de Vytenai - Skirsnemune, a 26 de Outubro de 1936. Era carpinteiro e pensou ganhar aí a sua vida na construção desse novo colégio. Em breve, porém, mudou de ideia. O ambiente familiar dos Salesianos prendeu-o e marcou-lhe outro rumo. Não tinha passado um ano, quando disse ao Director da Casa, então o venerando sacerdote e primeiro salesiano lituano, P. António Skeltys: «De hoje em diante não quero dinheiro. Continuo a trabalhar sem ganhar. Gosto do ambiente e quero conhecer a vossa vida de mais perto».

Passados dois anos de aspirantado, em que sentiu o chamamento do Senhor, pediu para entrar no noviciado. E com outros seis companheiros, entre os quais o actual Director do Instituto Lituano de Trascali (Roma), deixa a Lituânia, vai para a Itália e entra no noviciado central de Villa Mogleia (Chieri). O Mestre de Noviços era o nosso caríssimo P. Eugénio Magni. Fez a primeira profissão nas mãos do Inspector da Província Central, P. João Zolin, a 8 de Setembro de 1939. Daí passou ao Instituto «Conde Rebaudengo», em Turim, para o curso de aperfeiçoamento, permanecendo aí o ano lectivo de 1939-40 e metade do seguinte.

A segunda guerra mundial, 1939-45, que tanto luto, miséria e fome espalhou pela Europa e pelo Mundo, não poupou a sua querida e martirizada pátria, onde a Obra Salesiana, já tão pujante, foi encerrada pelos Russos. Não podendo regressar à Lituânia, os bons Irmãos que estavam na Itália fazendo os seus estudos, foram dar a sua preciosa contribuição a outras Inspectorias e às Missões. A nossa Província, então governada pelo saudoso e bom

P. Hermenegildo Carrà, recebia em 2 de Fevereiro de 1941 o magnífico reforço de cinco salesianos lituanos: P. António Tranavičius, P. João Labukas (falecido trágicamente em Cascais, a 28 de Agosto do mesmo ano), P. Agostinho Sabas, P. Casimiro Budavicius e o agora extinto mestre Estanislau Pilypaitis.

O senhor Pilypaitis foi mandado para a Oficina de S. José do Porto, tão necessitada de pessoal e onde o sempre lembrado P. Luís Maria Maffini e a pequena comunidade se devotavam entusiasticamente à educação de tantos rapazes, órfãos daquela cidade e de todo o Norte. Aí mourejou e passou os melhores anos da sua vida religiosa. À frente da marcenaria que modernizou e apetrechou de novas máquinas, ou encarregado dos Antigos Alunos, era o amigo que se dava todo pelo bem dos alunos, como mestre, professor de tecnologia e desenho, ou companheiro mais velho no Centro. Para atrair mais os Antigos Alunos lançou e movimentou o desporto do Basquetebol formando um grupo que mais tarde havia de criar renome em todo o País, «O Grupo da Simpatia».

Foi a 25 de Agosto de 1945 que ele se consagrou para sempre a Deus com profissão perpétua, em Lisboa, nas mãos do já citado Provincial P. Carrà.

Após dez anos de labor incansável, em Outubro de 1951, vêmo-lo no Colégio dos Órfãos do Porto, em virtude de os Salesianos terem deixado a Direcção da Oficina de S. José. Depois, por mais 8 anos, de 1954 a 1961, são as Oficinas de S. José de Lisboa o seu novo campo de acção. Também esteve por um biénio (1961 - 1963) no Instituto Mouzinho de Albuquerque da Mamaacha (Moçambique) de onde teve que regressar à Metrópole, muito depauperado, e ser internado numa Casa de Saúde. A Escola Profissional de Santo António de Izeda recebê-lo-á por três anos (1964-67). A saúde abandonara-o completamente. Volta então a esta Casa onde a morte o veio buscar.

O mestre Pilypaitis tinha uma vocação segura e dotada para a vida religiosa.

Era delicadíssimo com todos. E nessa sensibilidade tanto o comovia toda a prova de amizade como o fazia sofrer, calado, qualquer indiferença.

Nas práticas de piedade era pontual e nos seus deveres de mestre amava até ao sacrifício os rapazes. Caracterizava-o ainda o respeito por todos aqueles com quem trabalhava.

Há três anos que acompanhava, de perto, este nosso Irmão. Dificilmente se poderá imaginar quanto ele sofria! Noites inteiras de apreensões e de terrível insónia. Ultimamente, já não aguentava mais. Então tinha que sair do quarto, largar a oficina, a última a negar-lhe sublimação a tamanho sofrimento interior. Os ataques epilépticos eram mais frequentes: ansiava só pela morte. Tantas vezes a pedia a Deus, humilhado como se sentia pela doença, mas sempre com ar resignado e verdadeiro sorriso bondoso.

Nosso Senhor ouviu-o. E neste entardecer do Dia Missionário, naquele repousar de um dia de apostolado na Paróquia e no Centro Juvenil, diante dos Irmãos, mesmo nos braços destes, a morte veio buscá-lo para a Eternidade.

O «estote parati» nunca nos feriu tanto, interiormente!

Vamos todos ser generosos em sufrágios pela sua alma. Foi nesse intento que apressei a redacção desta carta mortuária, após a comunicação telegráfica ou telefónica a todas as Casas.

Rezai também por esta Comunidade e pelo que se professa

dedicado irmão no Senhor

P. Germano Botelho